

Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse

Helder Bastos*

Resumo

Os primeiros avanços no campo do jornalismo digital, em Portugal, têm sido lentos e assinalados por uma série de frustrações, algumas delas devido a expectativas utópicas com relação à viabilidade de alguns projectos. Contudo, e apesar de alguns obstáculos, novos desafios são impostos aos jornalistas profissionais. Destes espera-se que sejam capazes de lidar com as novas ferramentas da Internet e que contem as suas estórias, usando novos recursos, tal como arranjam uma nova lógica para construírem os seus artigos. Começa a cimentar-se nos académicos que se debruçam sobre os *media* a ideia de que a formação de jornalistas especificamente para a área digital deve seguir regras diferentes, especialmente no que diz respeito a estórias em hipertexto e competências técnicas. O grande desafio deverá ser a formação de estudantes que pratiquem esta modalidade de jornalismo, sempre com o necessário equilíbrio entre as aptidões técnicas e a consciência ética e valores profissionais.

Palavras-chave: jornalismo *online*, estudos jornalísticos, multimédia, desafios dos *media*.

1. Primórdios

Em Maio de 1996, quase um ano após o despontar do ciberjornalismo em Portugal, Lourenço Medeiros, que viria a ser director editorial da *SIC Online*, declarava ao *Jornal de Notícias* que “o jornalismo não acaba por todos poderem ter melhor acesso a fontes de informação, como acontece aos utilizadores da Internet. O cidadão continua a precisar de alguém que se dedique a tempo inteiro a seleccionar, a sintetizar e a explicar. O jornalismo não acaba. Pelo contrário, ganha novos instrumentos. Mas para isso falta a muitos jornalistas portugueses formação, formação e mais formação” (Bastos, 1996a).

* Jornalista e professor universitário na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação (helder.bastos@sapo.pt).

Por esta altura, o departamento de jornalismo da Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, Pensilvânia, anunciava que iria arrancar, em 1997, com o primeiro curso de jornalismo *online* numa universidade americana, oferecendo dois diplomas distintos: Reportagem e Edição *Online* e Jornalismo *Online*. Os estudantes iriam aprender a dominar a navegação na *web*, escrever em hipertexto, usar *scanners*, produzir gráficos, recolher e armazenar dados de agências e redigir notícias. Em 1996, o ciberjornalismo começava também a ser ensinado em faculdades de Ciências da Informação ou de Comunicação espanholas (Noci & Aliaga, 2003).

Em Portugal, pelo contrário, pouco ou nada se perspectivava nesta área ao nível do ensino universitário, e muito menos ainda no meio profissional. Nessa altura, escrevíamos, no *Jornal de Notícias*, que “era bom começar a ouvir notícias de cursos de jornalismo *online* feitos, pelo menos, em universidades europeias. Caso contrário, é de adivinhar o início, nos próximos anos, de uma correria de estudantes do Velho Continente para universidades norte-americanas, como já acontece noutras áreas.” (Bastos, 1996b).

Foi preciso esperar pelo ano lectivo de 1999-2000 para ver nascer, numa universidade pública portuguesa, a primeira cadeira com o nome Ciberjornalismo, integrada no curso de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A primeira aula foi dada, em Fevereiro de 2000, por António Granado. Ainda neste ano, com o arranque da licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, os respectivos alunos passaram a ter, do primeiro ao quarto ano (o total de anos de duração do curso), na opção Jornalismo, uma vertente de jornalismo *online* nas cadeiras de Técnicas de Expressão Jornalística e Ateliers de Jornalismo. A Universidade de Coimbra, através do Instituto de Estudos Jornalísticos, criou, no ano lectivo 2002-2003, duas cadeiras distintas, Jornalismo em Linha e Ciberjornalismo, ao passo que, na Universidade da Beira Interior, o jornalismo *online* começou a ser leccionado no ano 2003-2004. Na Universidade do Minho, as disciplinas de jornalismo dos 3.º, 4.º e 5.º anos passaram a incorporar, a partir do ano lectivo de 2000-2001, uma sensibilização para o digital, com os alunos a recorrerem a blogues para “publicarem” os seus trabalhos. O ano lectivo 2005-2006 deverá marcar o início do ensino de jornalismo digital, de forma autónoma, nesta universidade.

A necessidade de garantir à partida uma formação específica no campo do jornalismo digital, ou ciberjornalismo, foi desde cedo encarada, quer por parte de profissionais que já então trabalhavam em edições *online*, quer por parte de alguns académicos mais ligados às novas tecnologias, como sendo fundamental e, até certo ponto, urgente. Mas, há uma década atrás, os tempos eram ainda de total experimentação. E quase tudo era interrogação, hesitação, dúvidas, e, não poucas vezes, erro, tanto no tateante campo jornalístico, quanto no expectante mundo universitário. Ninguém parecia saber ao certo qual o rumo certo a seguir, mas todos pareciam ter a certeza inabalável de que o comboio da revolução digital do jornalismo tinha chegado e não podia, de forma alguma, ser perdido.

Nos Estados Unidos, muitos jovens saídos das universidades iniciavam a sua carreira nos chamados novos *media*, como os jornais electrónicos da Internet. A primeira geração de ciberjornalistas dividia-se entre a euforia e o desalento. Havia ainda muitas dúvidas e reticências quanto ao seu papel e às suas novas funções. “É um emprego, mas é jornalismo?”, questionava Christina Ianzito (1996), na *Columbia Journalism Review*, a propósito da emergência dos novos *media* que, baseados no computador em rede, eram olhados com alguma desconfiança pelos repórteres formados na tarimba da caneta e do bloco de apontamentos. Alguns profissionais eram transferidos de redacções tradicionais para as digitais, deixando, em certos casos, de redigir notícias para passarem a lidar com uma nova linguagem, a do hipertexto, e com correio electrónico, transferência de ficheiros, grupos de discussão e motores de busca. Os mais satisfeitos pareciam ser aqueles que trabalhavam em jornais ou revistas onde boa parte do conteúdo era produzido por si, especificamente para as edições electrónicas, enquanto a maioria dos descontentes podia ser encontrada nas empresas que optavam apenas por descarregar o conteúdo das publicações em papel para a *web* sem grande tratamento.

Em Portugal, o mercado de trabalho na área dos novos *media online* revelava-se sobremaneira incipiente: a maior parte dos jornais diários nem sequer jornalistas a tempo inteiro tinha nas suas edições electrónicas, ficando-se pelo despejo directo de conteúdos na *web* (*shovelware*), “por vezes com páginas insuportavelmente pesadas, enfeitadas com penosos *frames*” (Bastos, 1996c).

A evolução no campo do ciberjornalismo viria, pois, a revelar-se lenta e pontuada por diversas frustrações, algumas das quais determinadas por expectativas exageradas quanto à sustentabilidade financeira dos projectos. Em 2001, por exemplo, o *Expresso Online* passou por um mau momento: depois de ter apostado numa redacção de 26 jornalistas para a edição *online*, optou por não renovar contrato com 17 jornalistas estagiários. José António Lima, director adjunto daquele semanário, explicava à revista *Visão* o que na sua opinião correria mal: “Aumentámos a redacção numa altura em que se verificava uma euforia, nacional e internacional, pela Internet. O importante era marcar posição” (citado por Vieira, 2001).

No *Diário Digital* – depois do fôlego financeiro permitido pela entrada de um novo accionista, da criação de três novos *sites*, da contratação de jornalistas e, por fim, da fusão daqueles mesmos *sites* no projecto-mãe – uma vintena de jornalistas foi dispensada, ainda no decorrer de 2001. Luís Delgado, então director e administrador do *Diário Digital*, explicava: “Penso que houve excesso de expectativa num curto espaço de tempo. Mas, apesar de alguns desaires, já não é possível voltar atrás” (citado por Vieira, 2001).

O *Imaterial.tv*, um projecto *online* de jornalismo, foi constituído e extinto em 2001 sem sequer ter chegado a estar em linha: “Quatro dezenas de jornalistas começaram, em Outubro do ano passado, a trabalhar num ‘site’ de informação que prometia arejar o jornalismo português – o *Imaterial.tv*. Quatro meses depois, deixaram de receber ordenados, ficaram sem instalações e o projecto ficou na gaveta. O ‘drama’ foi denunciado pelo Sindicato de Jornalistas (SJ) como forma de alertar os profissionais para a ‘forma

aventureira' com que alguns projectos são lançados e para a necessidade de regular o jornalismo 'on-line'" (Rodrigues, 2001). Dirigido por ex-jornalistas do *Expresso* e da *Lusomundo*, o *Imaterial.tv* prometia inovar na abordagem da actualidade, preferindo a análise às notícias de última hora. Apresentava-se como um projecto editorial independente e, apostando na componente visual, pretendia tirar partido da banda larga e da televisão interactiva. O projecto foi feito em parceria com a Neurónio, uma empresa de *webdesign*, e suportado por investidores financeiros privados.

A este panorama depressivo não foi alheio o enquadramento da conjuntura internacional ligada à “nova economia”, que conduziu, na viragem do milénio, a investimentos avultados nas chamadas “dot.com”. A “bolha”, inflacionada por um ambiente de euforia financeira, não demoraria a rebentar, arrastando muitos milhares para o desemprego: “A nova economia não existe, tal como muitos investidores a imaginavam. A utopia da Internet como o novo *el dorado* não passa, para já, de uma ilusão. É isso que cerca de 400 trabalhadores – 210 da *Teleweb*, 26 do *Submarino*, 40 da *Imaterial TV*, cerca de 30 na *Impresa (Sic.pt e Expresso on-line)*, 20 do *Diário Digital* e cerca de 10 dos portais da Media Capital – estão a sentir na pele, após perderem os seus empregos. Nove meses depois da nova economia ter caído na realidade dos números negativos, nomeadamente nos Estados Unidos, começaram os estragos em Portugal. As quase quatro centenas de novos desempregados, dos mais promissores gestores até aos *webdesigners*, sem esquecer jornalistas e grafistas, são um número que diz apenas respeito àqueles casos, em Portugal, cujas expectativas ganharam relevo mediático. E são uma pequena amostra do que se passou nos Estados Unidos onde, desde Abril de 2000, foram para o desemprego mais de 75 mil funcionários deste tipo de empresas, as chamadas ‘dot.com’” (Vieira, 2001).

2. Novas competências

Actualmente, onde quer que o ciberjornalismo se encontre num estádio de desenvolvimento mais adiantado, o recrutamento para redacções digitais exige ao jornalista o domínio alargado de múltiplas capacidades, bem como a aptidão para trabalhar em ciclos de notícias de actualização permanente. Em certos casos, o ciberjornalista terá de redigir notícias, produzir fotografia, áudio e vídeo, construir páginas *web*, transpor conteúdos impressos ou audiovisuais para a rede, acrescentar hiperligações, fornecer interfaces que permitam aos utilizadores o recurso a bases de dados diversas, desenvolver comunidades *online*, particularmente através de linhas de *chat*, etc.

As empresas jornalísticas que passaram de uma estratégia de actualização permanente do noticiário nos seus *sites* para o desenvolvimento de conteúdo original para os mesmos organizaram equipas que trabalham com uma variedade de pacotes de software que permitem a flexibilidade máxima no desenvolvimento de páginas e formas de apresentação (Stovall, 2004). Num estudo efectuado nos Estados Unidos junto de contratadores de profissionais na área do jornalismo *online*, mais de 70 por cento procuravam empregados que pudessem actualizar e manter material sujeitos ao factor

tempo, bem como editar e reescrever estórias, enquanto mais de metade exigia profissionais prontos a utilizar estratégias de pesquisa *online*, a criar produtos multimédia e a saber trabalhar com HTML (Paul, 2001).

Donde, todo um novo conjunto de competências e qualidades passa a ser exigido aos jornalistas que trabalham neste género de *sites*. Responsáveis pelas edições jornalísticas *online*, entre os quais editores, procuram agora profissionais com destreza multimédia, pois reconhecem que a leitura de um jornal na Internet, através do ecrã do computador, difere substancialmente da leitura do jornal de papel.

Deuze (1999) lembra que em ciberjornalismo escrever não se resume a redigir texto, mas antes a explorar todos os formatos possíveis a ser utilizados numa estória de modo a permitir a exploração da característica-chave do novo *medium*: a convergência. As possibilidades narrativas permitidas pela convergência multimédia requerem, conseqüentemente, o planeamento das estórias através da elaboração de um guião (*storyboard*), encarado como essencial no processo de escrita não-linear. A aplicação do *storyboarding* no planeamento de uma estória *online* poderá, dependendo das práticas e exigências de cada *media online*, caber ao próprio jornalista.

Por outro lado, escreve Rich Gordon, todos os jornalistas terão de desenvolver um entendimento básico das capacidades únicas dos diferentes *media*, pois os seus empregadores tenderão cada vez mais a distribuir conteúdos através de várias plataformas ou a colaborar com outras empresas para o fazer: “Não mais podem os jornalistas pensar que só porque trabalham num *medium* (por exemplo, um jornal) não precisam de se preocupar acerca da forma como a sua estória deveria ser apresentada noutra (na TV ou na *web*). Não mais as escolas de jornalismo podem pensar que podem formar alunos que percebem apenas de um conjunto de ferramentas de comunicação. Por outro lado, não estamos necessariamente a caminhar para uma era em que um só jornalista necessita de fazer tudo – reportar, escrever, tirar fotografias, filmar e editar vídeo e apresentar as suas estórias na *web*. Haverá sempre necessidade de especialistas que fazem uma coisa particularmente bem. Mas nas empresas de *media* convergentes do futuro, os jornalistas que melhor entenderem as capacidades únicas dos *media* múltiplos serão aqueles que obterão mais sucesso, conduzirão às maiores inovações e tornar-se-ão os líderes de amanhã.” (Kawamoto, 2003: 72).

A convergência de diferentes *media* numa mesma estrutura empresarial e a proliferação de empresas multimediáticas, que lutam por um mercado cada vez mais competitivo, geraram uma tendência baseada no aproveitamento múltiplo dos mesmos recursos jornalísticos, a que José Álvarez Marcos (2003) chama *multitextualidade*, entendida como a capacidade de um texto para ser muitos textos de cada vez. Assim, uma mesma informação pode elaborar-se para ser utilizada por toda a ‘pirâmide mediática’, desde o serviço informativo através de telemóveis ao jornal impresso, passando pelos suportes WAP, PDA e *web*.

Para John Pavlik (2001), o ciberjornalista deve ser capaz de perceber as capacidades e a estética dos novos *media*, o que inclui o entendimento da natureza interactiva dos *media* digitais em rede e a aprendizagem de novas maneiras, não lineares ou multi-

lineares, de narrativa jornalística. Por isso, o ciberjornalista deve ser, na formulação do autor, *cross-media-trained*, ou seja, a sua formação específica deverá orientar-se para o domínio cruzado, abrangente e conjugado dos diferentes *media*.

Hall (2001) acrescenta que os atributos que produzem o jornalismo impresso ou audiovisual permanecem a fundação a partir da qual se constrói o ciberjornalismo, mas a mudança para a narrativa não-linear, num *ethos* que vinca a supremacia do conteúdo sobre a forma, requer algumas adaptações e acréscimos àqueles atributos. No entanto, frisa o autor, por muito que os jornalistas entendam bem os princípios do áudio e vídeo, fotografia e *software* específico de modo a saberem qual o mais apropriado para apresentar a estória, é pouco provável que sejam chamados a usá-los na prática: a efectiva produção da estória demoraria de tal modo, que se tornaria redundante quando chegasse a altura de a apresentar. “O que é importante para o jornalista é a capacidade de conceptualizar uma peça de jornalismo em termos multimédia e interactivos. (...) A questão da organização da informação em contextos formais apropriados é central no efectivo jornalismo *online*” (p. 91).

3. Modelos de formação

A questão dos modelos no ciberjornalismo (de jornal, de redacção, de negócio, de formação) foi sendo alvo de permanente questionamento. E, de maneiras diversas, ainda é. Hoje em dia, no entanto, começa a ganhar consistência a ideia de que a formação de jornalistas para o trabalho em publicações *online* deve partir de pressupostos substancialmente diferentes da formação de jornalistas para os *media* tradicionais, em particular no que diz respeito ao capítulo das narrativas hipertextuais e respectiva proficiência instrumental.

Para além do domínio de paradigmas jornalísticos tradicionais – como a redacção de texto, a estruturação da informação, o desenvolvimento das capacidades de selecção e de síntese –, a familiarização dos estudantes com as novas tecnologias, em particular com a Internet, é vista como prioritária, pois, como refere Koldobika Ayerdi (2003), “o jornalista da próxima década será um jornalista multimédia. (...) Será uma espécie de homem orquestra, capaz de utilizar imagens de vídeo na edição em linha do seu jornal ou de transmitir mensagens escritas através da sua emissora de rádio. A única especialidade possível no jornalismo do futuro será a de saber trabalhar em todos os meios e com todos os meios”. Paralelamente, a convergência empresarial de *media* convencionais e a necessidade de aproveitar as sinergias mútuas e embaratecer os custos de produção potenciaram a figura do jornalista multimédia (Noci e Aliaga, 2003).

Face às novas realidades tecnológicas e empresarias, marcadas por uma mutação acelerada, o modelo de ensino universitário encontra-se ainda distante de uma tendência visível de uniformização, a começar pelo peso das disciplinas relacionadas com ciberjornalismo em cursos de jornalismo e/ou ciências da comunicação, peso esse que pode ir de um semestre apenas a quatro ou cinco, consoante a duração dos cursos. Nos

casos em que dispõem de apenas um semestre, os docentes têm de tomar decisões difíceis relacionadas com a quantidade de tempo a dividir entre o ensino de ferramentas de *software* e o de reportagem e redacção. E, neste particular, as opiniões divergem, indo do simples “ensinem aos alunos apenas a ler os ficheiros de ajuda, esqueçam o *software*” ao “ensinem os alunos a fazer todas as tarefas que eles fariam num emprego de jornalismo digital, incluindo *scripts* de Java e edição de vídeo” (McAdams, 2004).

A questão da divergência de modelos é atribuível, não apenas às opções individualizadas das universidades, que procuram adequar-se às realidades empresariais jornalísticas que as envolvem, mas também às próprias empresas jornalísticas, que, em muitos casos, mostram interesse, principalmente, em contratar técnicos de informática e designers de páginas *web*, enquanto os jornalistas são encarregues de elaborar conteúdos específicos para a rede. Como as empresas pouco investem na formação dos seus próprios jornalistas no manejo da Internet como nova ferramenta de trabalho e como novo suporte, “assistimos a uma maior presença de pessoal técnico em trabalhos de natureza puramente jornalística” e, sobretudo, tal como recorda Ramon Salaverría, “criou-se uma dicotomia entre os jornalistas tradicionais e aqueles que estão a configurar a imprensa digital do futuro” (citado por Ayerdi, 2003).

Já Dan Gillmor considera que existe um atraso no ensino do jornalismo no atinente às novas tecnologias relacionadas com o exercício da profissão: “Não quero dizer que as melhores escolas de jornalismo desconheçam as novas tecnologias e as formas de as usar; o problema é que mostram tendência para agradar a uma indústria conservadora e lenta perante o progresso” (Gillmor, 2005: 137). Partindo do princípio de que são as escolas de jornalismo as principais fornecedoras de novos profissionais, o autor considera que as mesmas “precisam de reflectir a evolução que vai do jornalismo como prelecção ao jornalismo como diálogo”, insistindo para que os alunos percebam o que é a genuína interactividade e o que está na base do diálogo com o público.

Na formação de jornalistas para a era digital, o que se pretende é integrar o emprego dos recursos digitais como uma parte inerente à prática jornalística, de modo a formar-se profissionais versáteis e preparados para a melhoria da qualidade da informação. Este é encarado, por vários autores, como sendo o modelo mais desejável e que acabará por impor-se a outros modelos de formação que hoje passam por um tipo de ensino quase exclusivamente técnico, de “capacitação instrumental”, em que predominam tarefas muito afastadas do exercício jornalístico tradicional.

4. O peso dos constrangimentos

Em Portugal, na última década, parece ter sido maior o peso dos constrangimentos do que a quantidade de desafios na formação dos jornalistas digitais e no próprio exercício do ciberjornalismo. Faltam, no entanto, estudos que nos permitam ter uma visão global e devidamente sustentada sobre estas matérias. Não obstante, algumas constatações empíricas podem ser feitas a propósito deste debate, que, em grande medida, está por levar a cabo e que, por isso mesmo, urge promover e aprofundar:

- Nalguns (poucos) casos, a formação universitária em ciberjornalismo está para além daquilo que são as exigências e a realidade do mercado de trabalho: as potencialidades de muitos estudantes formados neste ramo seriam subaproveitadas na maioria dos *sites* noticiosos portugueses, limitados por um financiamento deficiente, subdimensionados em termos de recursos humanos e manifestamente básicos no tocante à exploração da hipertextualidade, da multimedialidade, da instantaneidade e da interactividade. Noutros casos, cadeiras de ciberjornalismo, ou pura e simplesmente não existem, ou têm uma relevância residual na arrumação curricular dos cursos de jornalismo e/ou ciências da comunicação.

- Actualmente, a oferta ao nível da formação superior em jornalismo digital excede a capacidade de absorção de estudantes por parte das empresas jornalísticas, que, devido às limitações acima mencionadas, investem pouco na contratação directa de alunos formados neste ramo.

- Em geral, as empresas jornalísticas com publicações noticiosas na *web* não investem na formação dos seus ciberjornalistas, o que não será de estranhar se for tido em conta o facto de o mesmo se passar com a formação dos jornalistas tradicionais. A maioria das empresas parece encarar a formação dos seus profissionais, não como um investimento, mas como uma despesa supérflua.

- O número de docentes universitários preparados para ensinar o estado da arte do ciberjornalismo (por exemplo, narrativa jornalística hipertextual) será ainda insuficiente.

- A apetência dos alunos de jornalismo e ciências da comunicação pelas cadeiras de ciberjornalismo parece não ser grande, o que, em parte, se deverá às ainda frágeis perspectivas de emprego nesta área. Acresce haver ainda estudantes que confessam não gostar de computadores, o que coloca o problema da motivação ainda mais a montante.

- A percepção, por parte das universidades, do enquadramento a dar ao ciberjornalismo nos seus cursos não é ainda suficientemente clara e uniforme. Os docentes também se debatem com questões como a do doseamento entre teoria e prática ou a de saber qual o grau de proficiência técnica (domínio de *software*, programação, etc.) a exigir aos alunos, cuja proveniência, na maioria dos casos, é da área de humanidades.

- A produção científica no âmbito do ciberjornalismo é reduzida e dispersa. Contam-se, literalmente, pelos dedos das mãos os docentes que fazem investigação, de forma sistemática, neste campo.

5. Conclusão

A primeira década de ciberjornalismo em Portugal fica marcada por uma progressão lenta, porventura demasiado lenta, tanto da oferta em formação superior, quanto da capacidade de resposta das empresas jornalísticas com *sites* noticiosos aos permanentes desafios deste novo ramo do jornalismo. Note-se, aliás, que esta é uma área em que as realidades universitária e profissional se afiguram dificilmente dissociáveis: as empresas não procurarão nas universidades futuros profissionais com preparação específica

em jornalismo digital se tiverem *sites* medíocres ou de “serviços mínimos”; os cursos de jornalismo não terão grande espaço para incrementar esta área de estudo se o respectivo mercado de trabalho mantiver as dificuldades registadas até aqui, nomeadamente no que à capacidade de gerar emprego estável diz respeito.

Poderá, portanto, dizer-se que, em parte, os constrangimentos na formação nesta área são determinados pelo subdesenvolvimento, em particular aos níveis técnico e discursivo, dos *sites* noticiosos portugueses, quando o desejável era que se assistisse a uma dinâmica de estímulo mútuo entre universidades e empresas de modo a elevar a fasquia de exigências. Dez anos depois do início da aventura *online* do jornalismo português, e sobretudo após a depressão acentuada e traumática verificada no universo empresarial ciberjornalístico em 2000-2001, a palavra *impasse* talvez seja a mais indicada para fazer o ponto da situação. Convirá, no entanto, ressaltar que este estado de coisas não se revelou – nem deve em momento algum revelar-se – impeditivo do desenvolvimento de um trabalho de investigação, reflexão e aplicação de conhecimentos no mundo universitário.

Apesar da envergadura dos constrangimentos que marcaram indelevelmente a primeira década da história do ciberjornalismo em Portugal, pode dizer-se, em termos prospectivos, que o grande desafio consiste em formar estudantes para o exercício deste novo e exigente ramo do jornalismo, assegurando à partida um equilíbrio saudável entre conhecimentos de ordem teórica, aptidões jornalísticas (clássicas e novas) e proficiência técnica. Sendo certo que a profissão terá muito a perder se a universidade se limitar a formar ciberjornalistas tecnicamente perfeitos, mas profissional, ética e deontologicamente ineptos.

Bibliografia

- Ayerdi, K. M. (2003) ‘La formación del periodista digital’, *Chaski: Revista Latinoamericana de Comunicación*, n.º 84, Dezembro. <<http://www.comunica.org/chasqui/84/meso84.htm#principio>> (último acesso a 18.04.05)
- Bastos, H. (1996a) ‘Jornalistas portugueses apostam na Internet’, *Jornal de Notícias*, 7 de Maio, <<http://www.geocities.com/CollegePark/4230/arqjor.htm>>
- Bastos, H. (1996b) ‘Canudo universitário para ciberjornalistas’, *Jornal de Notícias*, 11 de Maio, <<http://www.geocities.com/CollegePark/4230/arq1.htm>>
- Bastos, H. (1996c) ‘E isso é jornalismo?’, *Jornal de Notícias*, 14 de Dezembro, <<http://www.geocities.com/CollegePark/4230/arq444.htm>>
- Deuze, M. (1999) ‘Journalism and the Web: An analysis of skills and standards in an online environment’, *Gazette*, 61(5): 373-90.
- Gillmor, D. (2005) *Nós, os Media*, Lisboa: Editorial Presença.
- Ianzito, C. (1996) ‘It’s a job, but is it journalism?’, *Columbia Journalism Review*, Novembro/Dezembro, <<http://archives.cjr.org/year/96/6/newmedia.asp>> (último acesso a 30.08.05).
- McAdams, M. (2004) ‘Teaching online journalism: How to build the first college-level course’, *Online Journalism Review*, <<http://ojr.org/ojr/education/1081490316.php>> (12.08.2005).
- Noci, J. D. & Aliaga, R. S. (coords.) (2003) *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Barcelona: Ariel Comunicacion.

- Kawamoto, K. (Ed.). (2003) *Digital journalism: Emerging media and changing horizons of journalism*, Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Marcos, J. Á. (2003) 'El periodismo ante la tecnologia hipertextual', in *Manual de Redacción Periodística*, Barcelona: Ariel Comunicacion, pp. 231-259.
- Paul, N. (2001) 'Online industry cites needs', in *Journalism and mass communication education: 2001 and beyond*, Columbia, SC: Association for Education in Journalism and Mass Communication.
- Pavlik, J. (2001) *Journalism and New Media*, New York: Columbia University Press.
- Rodrigues, S. (2001) 'Sindicato denuncia "drama" do "site" Imaterial.tv', *Público*, 30 de Junho, p. 51.
- Stovall, J. G. (2004) *Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium*, Boston: Allyn and Bacon, 2004.
- Vieira, J. P. (2001) 'A idade da inocência', *Visão*, 19 de Julho.